



**Clube Guarani
e Miss Mulata:
espaço e valorização
da negritude
(Arroio Grande, RS)**

**Guarani Club
and Miss Mulata:
space and valuation
of blackness
(Arroio Grande, RS)**

Beatriz Floôr Quadrado

Licenciada em História (UFPel);
Estudante da especialização em Direitos Humanos e Cidadania (Unipampa- Jaguarão).
Arroio Grande, RS, Brasil

Resumo:

O estudo analisa a história do Clube Guarani de Arroio Grande (RS), um clube negro fundado em 1920 devido ao forte preconceito racial no município. No qual, os negros eram proibidos de frequentar clubes sociais e o CTG. Mas a associação é fechada por ordem judicial em 2006, por uma iniciativa de abaixo assinado da população, até mesmo de moradores distantes do prédio do clube. A pesquisa também analisa o concurso “Miss Mulata”, não apenas com o intuito de concurso de beleza, e sim como valorização de costumes e comportamentos, uma desconstrução de estereótipos negativos ligados à mulher negra. O trabalho aborda questões de preconceito no início da república brasileira e a construção da identidade do país, para isso se utilizou a metodologia da História Oral, pesquisas em jornais e acervos, além de leituras específicas relacionadas aos temas abordados.

Palavras-chave: Clube Guarani. Miss Mulata. Estereótipos. Preconceito.

Abstract:

The study examines the history of the Club Guarani of Arroyo Grande (RS), black club founded in 1920 due to strong racial prejudice in the county. In which blacks were forbidden to attend social clubs and CTG. But the association is closed by court order in 2006 by an initiative signed low population, even residents of the building away from the club. The research also analyzes the contest "Miss Race", not only for the purpose of beauty contest, but as recovery of customs and behaviors, a deconstruction of negative stereotypes associated with black women. The work addresses issues of prejudice in the beginning of the Brazilian republic and identity construction in the country, for it was used the methodology of oral history research in journals and collections, as well as specific readings related to the topics discussed.

Keywords: Club Guarani. Miss Mulata. Stereotypes. Prejudice.

Introdução

O Clube Guarani era situado no pequeno município de Arroio Grande. A cidade se localiza no Estado do Rio Grande do Sul, mais especificamente no extremo sul deste, próximo a Jaguarão, do qual se emancipou no ano de 1872, fronteira com o Uruguai. Arroio Grande tem em média 20 mil habitantes, e é reconhecida como “Cidade Simpatia” e “Terra de Mauá”, local em que nasceu o grande empreendedor Barão de Mauá. A cidade fez parte, como o restante do país, de um sistema escravagista, um dos princípios do mercantilismo, que perdurou no Brasil até os finais do século XIX. Os escravos negros trabalharam nas charqueadas, pecuária e nos trabalhos domésticos.

A abolição de escravos se deu, oficialmente, pela lei Áurea em 1888. Mas, na realidade, muitos continuaram no trabalho escravo. E é relevante que se destaque que tal lei só foi pensada devido às lutas de resistência realizadas pelos escravos, sejam armadas contra seus senhores, ou por meio de negação dos afazeres, cartas de alforria, e até mesmo por meio de quilombos. Não podendo esquecer-se dos interesses dos ingleses para o fim da escravatura, e em favor ao comércio livre. E junto a este contexto, tiveram origem as chamadas teorias racialistas, dentre elas:

pode-se destacar a de Nina Rodrigues, no século XIX, que faz uma diferenciação, em termos de superioridade, de brancos sobre afrodescendentes. Tem-se também João Batista Lacerda, no mesmo século, com a teoria de branqueamento, em que se via a possibilidade, através da mestiçagem, de hegemonizar a raça branca.¹

Estas teorias são extremamente racistas, em que definem pessoas negras como inferior ao branco intelectualmente e fisicamente. Ou seja, se utilizam de características fenóticas para justificar ações discriminatórias socialmente, como o próprio trabalho escravo.

Com a proclamação da República em 1889, e o século XX, a população negra continuou nas piores condições sociais, excluídos de direitos e colocados à margem da sociedade, ou seja, discriminados. Ligados a estereótipos negativos, como vícios, prostituição e vagabundagem. E neste mesmo século surgiram ainda mais teorias para tal discriminação, como as do “criminoso nato” e “darwinismo social”, em que o negro seria originalmente voltado a cometer crimes e agir ilegalmente. Teorias estas, no Brasil, seguidas por Cândido Mota e Tobias Barreto. Como meio de luta por liberdade, espaço e identidade, surgiram associações e clubes negros por todo o país.

Trazido como escravo para esta região, o grupo negro tendeu, para o final do período imperial, a congregar-se em entidades mutualistas, profissionais ou étnicas, que ainda não buscavam a construção de uma identidade racial, mas sim auxiliar na inclusão social e amparar seus sócios. Com a República, suas entidades evoluíram para a formação de uma rede associativa praticamente completa, surgindo propostas identitárias entre este grupo, embora sofresse com a influência desagregadora de ideologias, como a do branqueamento, com forte apelo na sociedade brasileira.²

¹ QUADRADO, Beatriz Floôr. *Cultura também é festa- Patrimônio e Memória: Do Clube Guarani ao Ponto de Cultura Axé Raízes (Arroio Grande, RS)*. Pelotas. Monografia (Graduação em História)- Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. p.29.

² LONER, Beatriz Ana, GILL, Lorena Almeida. *Clubes Carnavalescos Negros na cidade de Pelotas*. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009. p.146.

Com isso, estes espaços foram essenciais nas lutas e movimentos da população negra no Brasil, em busca de um lugar digno na sociedade, o que se tornou presente em todo século XX, e pode se dizer que ainda perdura, seja com novas formulações e novos desejos.

Clube Guarani: das festas à cultura

Foi no contexto histórico já mencionado que surgiu o Clube Guarani na cidade de Arroio Grande. Também se faz relevante lembrar que no Estado do Rio Grande do Sul, como em outras localidades brasileiras, a imigração vinha ocorrendo fortemente. Em especial nesta região com alemães e italianos, e junto a este acontecimento, tem-se por muitos anos a negação da presença negra no Estado, além da promulgação de ideais sobre uma suposta “escravização branda” no sul do país. O que obviamente não se pode mais afirmar, sabe-se que foi tão violenta nas charqueadas como no restante do país.

No município de Arroio Grande, no século XX, a população negra foi marginalizada, sendo sua presença excluída dos espaços centrais e públicos da cidade. Como a praça central, em que haviam bancos selecionados para negros, em uma rua que não dava acesso à prefeitura e Igreja principal. Além de não poderem frequentar o CTG³, nem Clubes Sociais, atualmente Clube Caixeiral e o Clube do Comércio. A não ser a trabalho, como músicos ou decoradores.

Com isso, em 1920, surge o Guarani, um clube de caráter social, inaugurado por um grupo de amigos que perceberam a necessidade de um espaço para interação além de casas particulares de amigos e família. Conforme o Estatuto do Clube Guarani, renovado no ano de 1957, este tinha por objetivo “Proporcionar aos seus associados festas de qualquer natureza, especialmente bailes, não sendo estes menos de seis, por ano; obras de arte, quermesses, etc.”.⁴ Segundo antigos presidentes e frequentadores, o nome da associação está diretamente ligado ao grupo indígena guarani, também excluídos da sociedade. Uma representação para o grupo negro de identificação, para não explicitarem serem um clube negro, e ao mesmo tempo uma estratégia para falar de discriminação indiretamente.

Primeiramente, o clube surge fechado à população negra, apesar de financiados pelos “Presidentes de Honra”, homens brancos de grandes posses e reconhecidos na cidade, financiavam a distinção para afirmar as diferenças. Depois foi aberta a toda população arroio-grandense para participarem de festas. Havia ainda duas presidências na associação, a masculina que cuidava da parte financeira, e uma feminina responsável pela organização das festas, chamada “Casa da Amizade”. “[...] parte ‘daquelas funções femininas’. A expressiva participação feminina na Diretoria não instaura qualquer descontinuidade com as relações vigentes na casa e na família; ao contrário, reproduz-se no Clube a centralidade da mulher no âmbito doméstico”.⁵

³ Centro Tradicionalista Gaúcho.

⁴ Anexo do projeto “Reconstruindo a História do Clube Guarani” feito especialmente por Gizelaine Diogo da Conceição, atual Vice-presidente do Clube Guarani, no ano de 1999.

⁵ GIACOMINI, Sonia Maria. A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2006. p.84.

A mulher dentro do clube tinha uma atenção especial de se mostrar sempre bem vestida e acompanhada, menores de dezoito anos apenas com a presença de parentes. Isto ocorria, provavelmente, de forma a fugir de estereótipos já construídos negativamente sobre a mulher negra, como ligadas a vulgaridade, incapaz de constituir uma família, prostituição, entre outros. Uma forma de construir novos estereótipos, como também se fará o concurso Miss Mulata, analisado mais adiante neste artigo.

O clube oferecia diversas festas aos seus associados como: Baile de Primavera, Bailes de Carnaval; o Baile das Rosas, em que se comemorava o início da primavera; Bailes de posse, realizados nas renovações da direção do Clube; Baile de Debutantes; Festa Kizomba, na qual havia bingos e atos religiosos e também as “Quermesses”, que contribuíam para a arrecadação de dinheiro à Associação. Também havia blocos de carnavais, como exemplo, o “Bloco Sempre Reinando” de 1938. Os concursos de beleza também se faziam presentes nessa Agremiação, como forma de valorização da beleza negra, entre os quais o “concurso Broto” e o “Senhorita Guarani”.

Os entrevistados⁶ exaltam as festas realizadas no Clube Guarani, como sendo as melhores festas da cidade. Uma forma de valorizar esta representação da comunidade negra arroio-grandense. Para a presidente Gizelaine: “Lá tinha diferença de classe, no clube deles. E aqui não, aqui todo mundo era igual. Independente da raça, mas todo mundo era igual. Tu tinha dinheiro, tu não tinha dinheiro [...]”.⁷ Em uma das reuniões com os associados houve uma manifestação de uma antiga sócia, que colocou que um negro não se sentia bem em clube de brancos, enfatizando que se estes têm uma elite, os negros também têm dentro de seu próprio clube.

Em 1997, o clube passa por alguns problemas financeiros, como dívidas com o ECAD⁸, o número de festas diminuiu, tendo apenas nas sextas-feiras com as boates “Nova Geração”. Depois, em 2001, a associação fecha devido ao agravamento de dívidas e a estrutura precária, devido, também, a crise financeira. Então o clube vai a leilão, mas não obtém comprador. O clube só reabre em 2004, em que teve na presidência duas mulheres, Gizelaine Diogo Conceição e Maria Geni Lemos. Com elas o Clube conseguiu resgatar, em média, 150 sócios, pagar o ECAD e outras dívidas que vinham se acumulando, como a CEEE e a Corsan.

Alguns anos depois são feitos abaixo-assinados para o fechamento do Clube na cidade de Arroio Grande, a justificativa foram os barulhos. Apesar de, apenas, um quarteirão dividir o Guarani do Clube do Comércio. Os moradores que contribuíram com assinaturas, foram vizinhos do clube, e também moradores de bairros bem distantes da localidade da associação. O clube também construiu um abaixo assinado para manter-se aberto, mas não foi o suficiente para a promotória. Além, das presidentes pedirem ajuda ao legislativo municipal, mas nada foi feito.

⁶ Para este artigo se utilizou sete entrevistas entre outras realizadas pela autora.

⁷ Entrevista realizada com Gizelaine Diogo Conceição (Giza), em 26 de fevereiro de 2011, no Ponto de Cultura Axé Raízes, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado; Marília Floôr Kosby. Acervo do Laboratório de História Oral, UFPel.

⁸ Escritório Central de Arrecadação e Distribuição.

O clube é fechado definitivamente, por ordem judicial em 2006. Só podendo ser reaberto por meio de isolamento acústico no prédio, o que era inviável à presidência, ainda mais sem poder fazer festas, o meio de sustentação da associação. Ou seja, não foi levado em conta a importância histórica e a identificação direta à população negra da cidade. E o motivo das causas também não foram claros, pois os outros clubes sociais, também ativos, não possuem isolamento de som. O propósito não seria acabar com o clube negro da cidade?

pode-se pensar sobre a verdadeira causa das reclamações para fechar um local de representação de um grupo social de quase 100 anos? Não se questiona o barulho, realmente ele ocorria, assim como em outras festas e instituições. A questão central a ser analisada é o motivo que levou moradores de tão longe a reclamar. Ainda, deixa perplexa a Presidente a falta de movimentação e de interesse da Cidade em relação à história e significação da Associação para as famílias negras de Arroio Grande.⁹

As presidentes do clube sofreram com o fechamento da associação, uma discriminação de gênero. Segundo as presidentes, foi um período muito difícil, para Maria Geni Lemos: “pelo fato de ser mulher né? ‘Ah vocês fecharam o Clube. Vocês no mínimo roubavam’ ”.¹⁰ Então, apenas em 2011, o clube é reativado, não mais com festas, mas como “Ponto de Cultura Axé Raízes”. Um projeto junto a Universidade Federal do Rio Grande e Ministério da Cultura. O objetivo era resgatar a cidadania por meio da dança, arte, e oficinas, principalmente relacionadas às questões afros.

Mas foi visível e inegável o desejo de antigos frequentadores pela reabertura do Clube. O mesmo desejo de ter o Clube como um centro social foi destaque na inauguração do Ponto de Cultura, tanto que entre os presentes surgiu a seguinte frase de um antigo frequentador: “Ta, e que horas que começa a festa?”.¹¹

Enfim, segundo as antigas presidentes, foi o meio de não deixar silenciar por completo a história do clube, pois o prédio é a maior representação deixada para a identidade negra da região.

O mestiço como representação nacional

Nos anos 30 do século XX, período do Estado Novo, com Getúlio Vargas no poder, o Brasil estava construindo novas representações do que então era ser brasileiro. Lembrando que a partir de 1889, com a proclamação da república, algumas mudanças ocorreram, como uma redefinição da cidadania excluindo os analfabetos e conseqüentemente os negros, esses nunca foram incluídos efetivamente na sociedade republicana. Então o governo de Vargas pensou em uma forma de mascarar o preconceito racial existente na sociedade brasileira, com o “Mito da democracia racial”, e a inclusão da mestiçagem, ou seja, do mulato(a).

[...] a conversão de símbolos étnicos em símbolos nacionais não apenas oculta uma situação de dominação racial mas torna muito mais difícil a tarefa de denunciá-lo. Quando se convertem símbolos de ‘fronteiras’ étnicas em símbolos que afirmam os limites da

⁹ QUADRADO, 2012, p.38

¹⁰ Entrevista realizada com Maria Geni Lemos (Ziza), em 26 de fevereiro de 2011, no Ponto de Cultura Axé Raízes, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado; Marília Floôr Kosby. Acervo do Laboratório de História oral, UFPel.

¹¹ QUADRADO, 2012, p. 40

nacionalidade, converte-se o que era originalmente perigoso em algo ‘limpo’, ‘seguro’ e ‘domesticado’.¹²

Desde século XIX teorias, estas já explanadas, se fizeram sobre o negro no Brasil para justificar a discriminação, e estipular valores e uma nova representação da sociedade brasileira, para uma “civilização” moderna, ou seja, um reflexo europeu. No século XX as discussões étnicas se destacaram nas obras de Gilberto Freyre, como “Casa Grande e Senzala”, em que se percebem mudanças para o corpo negro, antes criminalizado, e então passa ser parte integrante da cultura brasileira. Como marcado por Osmundo de Araújo Pinho¹³ uma mudança do conceito raça para o de Cultura, mas o negro continua marginalizado, excluído. Um a exaltação o mestiço, mas que ao mesmo tempo, junto ao termo mulato, que também identifica uma mistura, o cruzamento de jegue com mula, uma construção extremamente pejorativa, preconceituosa. Segundo Corrêa¹⁴ é a negação da negra preta. Ou seja, Esta nacionalidade é “encarnada na figura do mulato; e desqualifica qualquer reivindicação de autenticidade cultural afrodescendente”¹⁵. Ou seja, a identidade negra, afrodescendente, não foi, e não é, valorizada e expressada livremente, o negro não teve direito de identidade no Brasil, esta foi negada, e novamente, mascarada. Mais especificamente, a mulher negra sofreu muito nas questões estéticas. E é relevante ressaltar que padrões de beleza são construídos socialmente, e na história do país a beleza negra foi excluída destes padrões. Contribuindo para reforçar a invisibilidade desta mulher.

Estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É indenitária.¹⁶

A beleza no Brasil foi importada dos padrões europeus, excluindo a própria diversidade do país. Isso foi percebido no próprio Concurso de Miss Brasil, em que até mesmo o Estado da Bahia de maior presença negra foi, por vezes, representado por mulheres brancas. A mulher negra teve seu espaço reservado para o carnaval, em que é constantemente erotizada. E para o mercado estrangeiro, tendo cursos preparatórios para formar mulatas, como na cidade do Rio de Janeiro, com os cursos do SENAC em 1980.¹⁷ Com isso, se perceberá os objetivos e as necessidades da sociedade negra em dar origem a concursos de belezas étnicas na busca de valorização e auto-estima.

¹² GERMANO, Íris. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930-1940*. 1999. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p.49.

¹³ PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. *Cadernos Pagu* (23), Julho- Dezembro de 2004, p.89-119.

¹⁴ CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da Mulata. *Cadernos Pagu* (6-7). 1996. Disponível em: <http://www.nacaomestica.org/invencao_da_mulata.pdf> Acesso em: 3 Set. 2012.

¹⁵ PINHO, 2004, p.100

¹⁶ GOMES, Nilma Nilo. *Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. P.21

¹⁷ GIACOMINI, Sônia Maria. Mulatas profissionais: Raça, Gênero e Ocupação. *Revista Estud.Fem*, Florianópolis, n.1, Jan./Abr.2006. Disponível em:<<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1278/1054>> Acesso em: 12 set. 2012.

Concurso Miss Mulata

O concurso de Miss Mulata foi realidade em diversas regiões brasileiras, como Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Arroio Grande teve início no ano de 1964, em que até 1988 foi regional, passando em 1989 para Estadual. Este concurso étnico foi construído, segundo o idealizador Dé, para valorizar a mulher negra e sua beleza. Seguindo as ideias de Giacomini¹⁸ estes concursos tem por base a desconstrução de estereótipos negativos atribuídos à mulher negra, além da construção positiva sobre a mesma. Sobre o nome atribuído ao concurso, foi respondido que:

miss mulata o que era uma mistura de negro com branco que hoje em dia tu vê que nós estamos em um país que ... branco puro não tem, negro puro não tem. Não tem porque negro é na África tu vê negro na África. Agora aqui não tem, é misturado né?! Então nós fazíamos a Miss Mulata porque era a cruz do negro com o branco. (Dé)¹⁹

Percebe-se ao analisar este discurso o efeito da construção sobre a mulata, já debatido neste artigo, e também uma forma de estratégia contra a opressão, ou seja, se por ser negra a mulher é tão discriminada faz-se uma negociação pela terminologia, assim como foi com o nome do Clube Guarani. O concurso tinha três etapas de avaliação, em que não consistia apenas a beleza. Primeiramente era realizado um coquetel para apresentar as candidatas. No dia seguinte era realizado um almoço, no qual a avaliação era comportamental, o modo de sentar, comer e falar. Obviamente, se percebe uma ambiguidade, que não se pode negar um padrão estabelecido do que é ser comportada e bela, mas ainda assim a desconstrução de mulher erotizada, selvagem, entre outros estigmas.

Neste mesmo, dia era realizado um desfile de maiô, lembrando que o concurso era também estético. Segundo as candidatas era a prova de maior valor. E, por fim, no dia do evento, mais dois desfiles, novamente de maiô, e outro com vestido de gala. Através das entrevistas realizadas ficou clara a forte representação deste concurso para estas mulheres. Além de realmente se sentirem valorizadas por este, a visibilidade marcou estas mulheres, segundo elas, era um luxo, carro particular cabelereiro, manto, coroa e buquê de flores.

Ao perguntar as candidatas entrevistadas o motivo que levaram a participar do concurso e a importância deste, tem-se a questão de visualização e status presentes:

Porque eu sempre gostei muito de desfilar [...] eu fui “Garota Swing”, [...], “Senhorita Guarani”, fui “Garota da Banda”, fui “Mais Bela Estudante” [...] eu sempre gostei.²⁰

Pra gente era uma maravilha, era o auge. Era um status amais. Para uma menina de 17 anos era show, era tudo.²¹

¹⁸ GIACOMINI, 2006.

¹⁹ Entrevista realizada com Antônio Carlos da Conceição, em 5 de agosto de 2011, na residência do entrevistado, Arroio Grande. Entrevistador: oficina de Patrimônio do Ponto de Cultura Axé Raízes. Acervo do Laboratório de História Oral, UFPel.

²⁰ Entrevista realizada com “L” em 07 de julho de 2013, na residência da entrevistada, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

Era o meu sonho, tem gente que tem o sonho de casar, de ser mãe, o meu era de ser “Miss Mulata”. E eu realizei.²²

O fim do concurso em 1999 foi devido, segundo Dé, ao grande movimento e trabalho que movia a realização do concurso. Além do desgaste financeiro, pois ele afirma que a contribuição por parte da prefeitura municipal era mínima, não suficiente para manutenção do evento. A ajuda com vestidos, sapatos, maquiador, almoço e hospedagem para candidatas, era de forma voluntária e parcerias com o mercado arroio-grandense.

Considerações Finais

O clube Guarani, assim como o Miss Mulata, foram símbolos de representação da comunidade negra arroio-grandense. E o fim de ambos significa muito para as famílias negras que frequentaram a associação e participavam do concurso. Segundo uma entrevistada é lamentável sua filha não ter este contato com lugares de identidade com a negritude, fala de sua preocupação na falta de representação para as gerações futuras.

O prédio caracteriza um patrimônio cultural, material e imaterial, pois é um símbolo de identidade, interação e expressões coletivas, sendo também um estímulo de memória em que se reconstruem histórias de resistência, ou seja, ponto de referência da raça negra. Por isso tantas histórias e lembranças se manifestaram naquele momento de retorno da Entidade, agora com outro enfoque. Segundo Antônio Augusto Arantes:

[...] são as edificações e as paisagens naturais. São também as artes e os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o eu popularmente se chama de raiz de uma cultura.²³

Percebe-se também que todas estas representações são construções da própria comunidade negra, junto às negociações na terminologia como estratégia à discriminação, e sem apoio dentro da comunidade de Arroio Grande e reconhecimento de pertencimento histórico e social do município. Pode-se pensar sobre teorias antigas ainda presentes fortemente na sociedade contemporânea. Hoje esta “democracia racial” não é mais um programa de Estado propriamente dito, “o mito deixou de ser oficial, está internalizado. Perdeu seu estatuto científico, porém ganhou o senso comum e o cotidiano”²⁴

²¹ Entrevista realizada com “K” em 04 de julho de 2013, no trabalho da entrevistada, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

²² Entrevista realizada com “JB” em 04 de julho de 2013, em um salão de beleza, Arroio Grande. Entrevistadora: Beatriz Floôr Quadrado.

²³ FREIRE, Beatriz Muniz. *O inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial: Novos Instrumentos de preservação*. Cadernos do LEPAARQ. Vol. II, nº 3, Pelotas, RS, Editora da UFPel. Jan/Jul 2005. P.13

²⁴ SCHWARCS, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord) *História da Vida Privada do Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.241.

Então, é entendendo todo o contexto histórico e social, até mesmo no presente, que se percebe a relevância deste concurso como marcador forte para a autoestima e valorização do negro em uma sociedade excludente. E no que tange ao Clube, nota-se que muitos ainda não se sentem representados nesta nova formulação como ponto de Cultura, pois as festas ainda são proibidas, mas a saudade é perceptível nas falas dos entrevistados. Mas este também é uma nova representação de resistência de uma negritude por muito tempo silenciada, é uma ressignificação de um movimento em busca de memórias, de identidade e representação do negro na sociedade. Além de manter viva a história pelo próprio prédio, ainda chamado de Clube Guarani.

Referências

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da Mulata. *Cadernos Pagu* (6-7). 1996. Disponível em: <http://www.nacaomestica.org/invencao_da_mulata.pdf> Acesso em: 3 Set. 2012.

FREIRE, Beatriz Muniz. O inventário e o Registro do Patrimônio Imaterial: Novos Instrumentos de preservação. *Cadernos do LEPAARQ*. Vol. II, nº 3, Pelotas, RS, Editora da UFPel. Jan/Jul 2005.

GERMANO, Íris. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930-1940*. 1999. Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GIACOMINI, Sonia Maria. *A Alma da Festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascimento Clube*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro, IUPERJ, 2006.

GIACOMINI, Sônia Maria. Mulatas profissionais: Raça, Gênero e Ocupação. *Revista Estud.Fem*. Florianópolis, n.1, Jan./Abr.2006. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/1278/1054>> Acesso em: 12 set. 2012.

GOMES, Nilma Nilo. *Sem Perder a Raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LONER, Beatriz Ana, GILL, Lorena Almeida. *Clubes Carnavalescos Negros na cidade de Pelotas*. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, jan./jun. 2009.

PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. *Cadernos Pagu* (23), Julho- Dezembro de 2004, p.89-119.

QUADRADO, Beatriz Floôr. *Cultura também é festa- Patrimônio e Memória: Do Clube Guarani ao Ponto de Cultura Axé Raízes (Arroio Grande, RS)*. Pelotas. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

SCHWARCS, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord) *História da Vida Privada do Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.